GRUPO ACONCHEGO: EXPERIÊNCIA DE ACOMPANHAMENTO PSICOLÓGICO PARA FAMILIARES DE UMA UTI NEONATAL¹

Vitória Merten Fernandes², Mikaela Aline Bade München³, Anniara Lúcia Dornelles de Lima⁴, Isadora Ferretti Gonçalves⁵, Aline Badch Rosa⁶, Simone Caldas Bedin⁷

¹ Pesquisa institucional desenvolvida pela área de Psicologia do Programa de Residência Multiprofissional do Hospital Santa Cruz

² Psicóloga Residente do Programa de Residência em Intensivismo, Urgência e Emergência (Hospital Santa Cruz), vitoriafernandes@unisc.br, Santa Cruz do Sul/RS/Brasil

³ Psicóloga Residente do Programa de Residência em Intensivismo, Urgência e Emergência (Hospital Santa Cruz), mmunchen@unisc.br, Santa Cruz do Sul/RS/Brasil

⁴ Psicóloga Residente do Programa de Residência em Intensivismo, Urgência e Emergência (Hospital Santa Cruz), anniara@unisc.br, Santa Cruz do Sul/RS/Brasil

⁵ Psicóloga Residente do Programa de Residência em Intensivismo, Urgência e Emergência (Hospital Santa Cruz), isadorag@unisc.br, Santa Cruz do Sul/RS/Brasil

⁶ Psicóloga Clínica Hospitalar e Preceptora do Programa de Residência em Intensivismo, Urgência e Emergência (Hospital Santa Cruz), alinebadch@unisc.br, Santa Cruz do Sul/RS/Brasil

⁷ Psicóloga, Mestre em Psicologia Clínica e Tutora do Programa de Residência em Intensivismo, Urgência e Emergência (Hospital Santa Cruz), simonecaldas@unisc.br, Santa Cruz do Sul/RS/Brasil

Introdução: Sabe-se que o nascimento de uma criança costuma gerar mudanças na organização familiar, principalmente no caso de bebês prematuros que passam por internação em uma unidade de terapia intensiva. Nessas situações, é comum que os pais vivenciem sentimentos variados, como raiva, desesperança, impotência, culpa e ansiedade (BALBINO et al, 2015). Nesse sentido, o grupo de apoio se apresenta enquanto ferramenta de valor no “[...] compartilhamento das diversas experiências entre os familiares e seus recém-nascidos, nas diferentes fases evolutivas, e com a equipe de profissionais da UTIN” (BUARQUE et al, 2006, p. 299).

Objetivo: O objetivo deste estudo é relatar a experiência de residentes de Psicologia no acompanhamento de familiares de neonatos e no desenvolvimento do Grupo de Apoio à Familiares da UTI Neonatal de um hospital de ensino do interior do Rio Grande do Sul, denominado “Grupo Aconchego”.

Metodologia: Este estudo constitui-se enquanto um relato de experiência, de natureza qualitativa e descritiva (GIL, 2008). A demanda pelos grupos de apoio surge desde antes da Residência Multiprofissional ter início na instituição e com a entrada das primeiras residentes de Psicologia. Neste último ano, o Grupo Aconchego ocorreu no período de outubro à dezembro, tendo frequência semanal e duração de cerca de 1h, sendo coordenado por uma residente de Psicologia. Existia a possibilidade da presença de um convidado, como um profissional da equipe da UTI Neonatal com

o objetivo do desenvolvimento de temáticas de interesse ou dúvidas dos familiares dos neonatos. O grupo era realizado em sala de reunião anexa à unidade, com o objetivo de proporcionar espaço de escuta e acolhimento aos familiares, possibilitando a troca de experiências entre eles, bem como o esclarecimento de dúvidas e a busca pela melhora nos processos de comunicação com a equipe.

Resultados: Com o desenvolvimento do Programa de Residência ao longo dos anos e a prática de permanência dos residentes na unidade de terapia intensiva neonatal, trabalhando diretamente com a equipe multiprofissional e em proximidade com as famílias, percebe-se que diversas demandas que se apresentavam nos grupos são sanadas na rotina das práticas. A proximidade dos residentes tanto com equipe quanto com familiares permite a mediação quase imediata de conflitos, ruídos de comunicação e esclarecimento de dúvidas.

Ainda, a descontinuidade dos grupos devido à pandemia de COVID-19, dificulta seu retorno de forma adaptada para o contexto atual. Foram realizadas tentativas de retorno por duas residentes de segundo ano, através de metodologias diversas - desde momentos lúdicos, bem como a inclusão de residentes de outras áreas da saúde que compõem o Programa de Residência Multiprofissional. Porém, as famílias apresentaram baixa procura e adesão às propostas do grupo, dando retornos de preferência dos atendimentos individuais e dentro da própria rotina da unidade. Percebe-se que as famílias conseguem realizar trocas entre si através de ferramentas tecnológicas e, principalmente, na sala de espera da unidade, de forma descontraída e que possibilita a troca de experiências e a expressão emocional.

Conclusões: Desta forma, conclui-se que os grupos de apoio apresentam grande potencial no contexto das unidades de terapia intensiva, mas que os próprios podem se dar também de forma não institucional. Rosa e Gil (2017) afirmam que a ação terapêutica dos grupos se dá por seus participantes estarem vivenciando experiências símeis, portanto o grupo os relembra e assegura de não estarem sozinhos. Percebe-se que os familiares continuam buscando a Psicologia para suas necessidades emocionais, bem como ruídos de comunicação com a equipe e enquanto apoio após más notícias, porém a ferramenta do grupo de apoio institucional não parece contemplar de modo grupal as demandas familiares. Nesse sentido, o papel do profissional é o de incentivar o diálogo e a busca da criação de estratégias de enfrentamento que façam sentido para os familiares, como a rede de apoio que espontaneamente surge entre eles na sala de espera.

Palavras chave: Psicologia; Neonatologia; Família; Grupo de apoio.

Referências:

BALBINO, F. S. *et al.* Grupo de apoio aos pais como uma experiência transformadora para a família em unidade neonatal. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, 19(2), 2015.

BUARQUE, V. *et al.* O significado do grupo de apoio para a família de recém-nascidos de risco e equipe de profissionais na unidade neonatal. **Jornal de Pediatria**, v. 82, n. 4, 2006.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas; 2008.

ROSA, R.R.; GIL, M. E. *Suporte psicológico aos pais na Unidade de Tratamento Intensivo Neonatal: encontros possíveis e necessários*. **Rev. SBPH**, vol. 20 n. 2, 2017.